

PARA ONDE ESTAMOS INDO NOS ESTUDOS CULTURAIS?

Resenha sobre o livro *Estudos Culturais no Tempo Futuro: como é o trabalho intelectual que o mundo exige hoje*. Lawrence Grossberg, 2010. (Lawrence Grossberg, *Cultural Studies in the Future Tense*¹, Duke University Press Books, Durham and London, 2010)

Sheila Ferreira Pinto²

Os Estudos Culturais trazem contribuições decisivas para pensarmos os modos como a cultura, a sociedade e as práticas cotidianas estão intrinsecamente relacionadas e podem ser problematizadas.

A cultura também é o lugar onde se travam batalhas pelo controle da sociedade. Feministas e antifeministas, liberais e conservadores, radicais e defensores do *status quo*, todos lutam pelo poder cultural não só nos meios noticiosos e informativos, mas também no domínio do entretenimento e do acadêmico. Como uma dialética da comunicação, as culturas em seu pluralismo servem de mediadoras da comunicação, sendo por essa mediada e, portanto, comunicacional por natureza. Por sua vez, a “comunicação” é mediada pela cultura, sendo um modo pelo qual esta é disseminada, realizada e efetivada. O diálogo pode produzir, por exemplo, novas perspectivas que contribuirão, entre outros aspectos, para o desenvolvimento de Estudos Culturais mais robustos, isto é, que não coloquem em um plano secundário o horizonte social, que serve de contexto para a produção da cultura veiculada.

As pesquisas sobre os Estudos Culturais apresentam concepções reciprocamente complementares, que podem implicar em uma nova configuração para os avanços das pesquisas nos campos multidisciplinares, com níveis de análise reflexiva sobre produção e economia política, textual, crítica, dos estudos de recepção, entre outros saberes.

¹ Disponível em: [grossberg_resumo_em_ingles.pdf](#) / Acesso: 18/08/2019. (Tradução própria).

² Mestranda em Comunicação na PUC-RIO (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro) Mestranda em Cultura e Territorialidade no PPCULT UFF (Programa de Pós-graduação em Cultura e Territorialidade da Universidade Federal Fluminense), Jornalista, Professora de Marketing e Especialista em Comunicação Corporativa.

Torna-se imprescindível uma breve resenha sobre o livro "Estudos Culturais no Tempo Futuro", lançado em 2010, de autoria do acadêmico de referência internacional Lawrence Grossberg, considerado um dos principais pesquisadores sobre estudos culturais. O autor traz nesta contribuição uma ampliação dos estudos exploratórios nos campos da cultura popular e da filosofia da comunicação, com pesquisas sobre representações e identidades (GROSSBERG, L.; WARTELLA, E.; WHITNEY, D, 1998), assim como seus contemporâneos da Universidade de Birmingham, como Stuart Hall e Richard Hoggart, porém, com um recorte na importância e atuação dos estudos culturais nas formações e estruturas decorrentes da modernidade no campo das pesquisas, considerando um olhar exploratório sobre as articulações e a contextualidade da modernidade, em crítica direta à produção intelectual, em especial aos anglo-americanos – como uma nova dimensão arquitetada e discursiva pronta e limitada.

Grossberg discorre sobre a produção de identidades e considera que as pessoas precisam de um senso de quem são e de um lugar como identidade em uma ou mais instituições, como por exemplo, a igreja, o trabalho, a escola, o clube, a família, entre outros. A busca desse "pertencimento" sobre as necessidades de lazer (social) cria também uma ordem de consumo na construção e na representação de identidades.

Remete aos estudos de Stuart Hall sobre diáspora, identidade cultural e representação (2013; 2016) discutida na teoria social. Considera que as velhas identidades estão em declínio, surgindo novas fragmentações que constituem formações múltiplas, híbridas, bricolagem, reconfigurações multifacetadas; uma busca por brechas contra-hegemônicas e pela sensação de individualidade. Grossberg aponta que a crise da identidade ocorre desde os anos 20 (cita Freud, psicologia das massas) e pontua que nos anos 50 não eram só as questões políticas e culturais que estavam sendo questionadas, mas emerge de forma mais latente questões de ordem/desordem psicológica entre os jovens na busca de se entender e de pertencer, e o deslocamento amplo de mudanças (Stuart Hall) como guerras,

avanços tecnológicos, questões sociais, políticas e econômicas, fortalecendo uma crise nas identidades estabelecidas e formatadas.

Passamos a refletir e a questionar alguns conceitos e palavras, como gênero, hibridismo, lugar, localidade, feminismo, arte (Grossberg se dedica em especial a estudar sobre a música popular e as políticas da juventude nos Estados Unidos) como legitimadores das identidades, já que é constituída de diferença, compreendendo uma alternativa das relações do moderno e da identidade que sugere que o moderno transforma todas as relações de identidade em relações de diferenças.

Discutindo a relação entre público, audiência e identidade, Grossberg denuncia que as mídias entram em campo de disputa pela apropriação e passam a criar identidades, próprias ou não, com foco na ordem de consumo, forçando novas identidades “em série”, tornando-as hegemônicas, criando produtos mercadológicos. Dessa forma, afirma que “público” não existe, a não ser como uma idealização, com propósito particular.

Considerado como filósofo da comunicação, Grossberg passa por diversos tempos históricos para embasar a observação de como a publicidade se transformou e se modificou ao longo dos séculos, indo da subversão da fuga dos espectadores em não assistir anúncios à redução do tempo dos anúncios, ou seja, existe uma “sensibilidade” mercadológica que é acatada pela ordem do consumo, que se utiliza cada vez mais das novas tecnologias.

Grossberg preocupa-se com os efeitos da tecnologia sobre o consumo que se apropria das representações, estereotipando-as, se aproveitando dos movimentos feministas, raciais e das minorias, por exemplo. As mídias podem ter se apropriado das transformações sociais, políticas e culturais para se manter no controle, através da abertura de mercado para determinados públicos. Os estereótipos afetam as vidas dos sujeitos (que se sentem pressionados a se encaixar em um) e o governo parece ter abandonado as questões psicológicas que afetam os seres humanos, não reconhecendo as diferentes questões culturais levantadas.

Propondo uma análise convincente da dimensão do problema político contemporâneo como uma luta pela modernidade, Grossberg

recorre a um quadro analítico e imaginativo sobre as mais diversas maneiras de ser moderno: na Introdução, *todos nós queremos mudar o mundo*, comparecem mais perguntas que apontamentos, lançando as provocações “Para onde estamos indo?” e “Como o mundo pode ser melhorado?”, como um convite à reflexão aberta; de mãos dadas com o leitor, discorre os seis capítulos enquadrando a teoria cultural imbricada no cenário atual da política, da economia e, em especial, da cultura, fora dos limites do território imperativo “eurocentrado”. Grossberg acredita que os estudos culturais funcionam como ferramenta para o exercício reflexivo de vários saberes, de forma multidisciplinar, pois evidencia produções de sentido e conhecimentos específicos.

Com cuidado em descrever o caminho dos estudos culturais de forma didática, Grossberg proporciona uma visão macro, necessária para sua ampliação nos capítulos seguintes, além de consolidar os estudos culturais como uma prática contextual, em que o foco se encontra no “relacional”, estabelecendo uma ligação interacional entre “relacionalidade” e “contextualidade”. Grossberg consolida a pesquisa utilizando a “conjuntura”, termo central em sua obra, ampliando a “lógica da conjuntura” como o esforço em confirmar a diversidade e a multiplicidade das situações (políticas, econômicas e culturais).

Sobre a crítica aos estudos acadêmicos anglo-americanos e ao “eurocentrismo”, Grossberg aponta nos seis capítulos sequenciais caminhos nos Estudos Culturais no Tempo Futuro para as novas e advindas formações nesse campo multidisciplinar, entre ciência e práticas sociais.

Abrindo os capítulos um e dois, Grossberg estuda cenários em que os Estudos Culturais são definidos em relação às lutas políticas, culturais e econômicas que o mundo enfrenta atualmente, para explicar que essas lutas dependem de uma “contextualidade radical que comprometa qualquer suposição de que as perguntas que fazemos, os desafios que enfrentamos, sejam de alguma forma universais - como se o mundo inteiro fosse levado a responder a mesma pergunta” (p. 43). Ademais, o autor não deixa de argumentar que a falta de ampliação intelectual em considerar a pluralidade

cultural e os cenários relacionados, compromete o salutar e necessário debate macro para especular e provocar futuros alternativos.

No capítulo um, *o coração dos estudos culturais*, o autor levanta alguns pontos tencionais ao questionar o objetivo dos estudos culturais de forma contextual, já que inicialmente partimos de suposições. Grossberg recorre a Stuart Hall para alinhar a “colcha de retalhos”, reforçando a importância da análise histórica, que deve levar em consideração questões ideológicas, representações, identidades e subjetividades envolta da circulação da comunicação popular. O autor traz uma provocação sobre o “cientificismo” de uma única visão ritualizada nas academias, quando o interessante é ampliar para outros campos, através da troca de saberes que se completam. E nesta linha, o pesquisador mapeia a situação do ensino superior, nada mais atual, como a sensação de fragilidade criativa com o corporativismo das universidades, o que cerca de incertezas sobre o futuro da educação, sob ataque.

Como o autor sinaliza no Capítulo Dois, *a construção da conjuntura: a luta em torno da modernidade*, a abordagem míope e reduzida pode induzir pesquisadores a “produzir uma mistura intolerável de certeza política e teórica e ignorância empírica” (p.66); Ao considerar o “moderno” como um construto imaginário, se amparando em Bruno Latour, Grossberg utiliza-se dessa análise para articular vários elementos, múltiplas estruturas e vivências do social, sendo o “moderno” um produto derivado de negociações, lutas, guerras e compromissos diretamente imbricadas na vida cotidiana, na liberdade e nas visões alternativas de uma sociedade e seu futuro. Sendo assim, emergem novas técnicas, os relacionamentos sociais se reorganizam entorno de versões como de família, gênero, geração e sexo, como algumas reflexões às quais Grossberg divide com os leitores e leitoras.

Como encadeamento teórico, Grossberg analisa a economia, a cultura e a política com maior ênfase nos capítulos três, quatro e cinco. No capítulo três, *considerando o valor: como salvar as economias dos economistas*, o autor confia o medo de uma economia dissociada das práticas da sociedade mundial, onde os especialistas, nesse caso, os economistas, abreviam suas teorias sem considerar a pluralidade.

Como possível resolução para esse impasse, Grossberg propõe reformas econômicas, considerando a história e a cultura, através do empirismo, para promover conversas multidisciplinares. O autor convoca Antonio Gramsci no caminho necessário na busca por brechas contra hegemônicas, para encontrar maneiras diferentes da economia atuar, considerando, por exemplo, subverter as posições e pensar em como a economia pode servir aos estudos culturais como engrenagem, uma "culturalização da economia".

No capítulo quatro, *a contextualização da cultura: mediação, significado e significação*, há a valorização do papel intermediador da cultura com particularidades, que se afastam e se aproximam, o que tem de ser enaltecida e praticada na cultura cotidiana, no que tange a questão da pluralidade (p. 181). Ao questionar o porquê que a noção de "meio" é frequentemente abordada como apenas a linha de produção através dos aparatos tecnológicos no processo mercadológico da indústria cultural, Grossberg aponta a necessidade de considerar as caracterizações populares, não como polarização, e sim como complementação no processo da construção cultural e suas demandas.

Já no capítulo cinco, *a complicação do poder: o "e" da política*, Grossberg retoma os apontamentos lançados no capítulo três e amplia as sugestões, por acreditar que o lugar ocupado por políticos deve se aproximar da vida cotidiana em suas práticas, sem afastamento do campo social, o autor destaca que "não existe realidade sem poder, ou melhor, sem o político" (p. 251). Ele provoca reflexões acerca da disputa estruturante da esquerda intelectual e cultural versus as conjunturas contemporâneas, em grande medida acerca das lutas contra o "eurocentrismo". Grossberg acredita na importância dos discursos autônomos, onde os Estudos Culturais possam nortear o discurso político, por considerar uma visão pluralista.

No capítulo conclusivo, *em busca de modernidades*, novamente Grossberg convida o leitor a pensar junto sobre o futuro da modernidade, onde reforça como possível salvação a necessidade da inter-e-multidisciplinaridade na constituição intelectual no enfrentamento dos desafios globalizados em um futuro próximo. Grossberg parece destinar aos graduandos e aos aspirantes uma

mensagem-convite sobre o surgimento de uma vanguarda plural e crescente dos movimentos intelectuais, socioculturais e políticos vindouros. Para ele, os Estudos Culturais enfocam diversos elementos da educação e da cultura e, de forma multidisciplinar, envolve áreas como as culturas identitárias, as ciberculturas, as culturas pós-coloniais, negras e indígenas, as culturas escolares, bem como as práticas educativas como a literatura, a música, os filmes, a televisão, a dança, a arquitetura. Em alinhamento com a educação, procura pensar nas formações e transformações das subjetividades nas formas de pertencimento dos sujeitos inseridos socialmente em determinados grupos, com o objetivo de compreender e ampliar os Estudos Culturais, tensionando sobre os estereótipos, as representações naturalizadas e preconceitos sobre a desigualdade dos sujeitos, considerando os cenários socio-político-econômicos e outras linhas de saberes que se complementam.

O esforço do autor no encadeamento teórico-didático torna o livro *Estudos Culturais no Tempo Futuro* uma leitura referencial e norteadora sobre os estudos da teoria das culturas e aspirações futuras no campo multidisciplinar contemporâneo, ampliando a capacidade analítica sobre o presente a serviço das lutas pelas transformações sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GROSSBERG, L. WARTELLA, E. & WHITNEY, D. Representing identities. In: *MediaMarking*. Londres, Sage Publications, 1998.

HALL, Stuart. *Da diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2013.

_____. *Cultura e representação*. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2016.